

CEDI

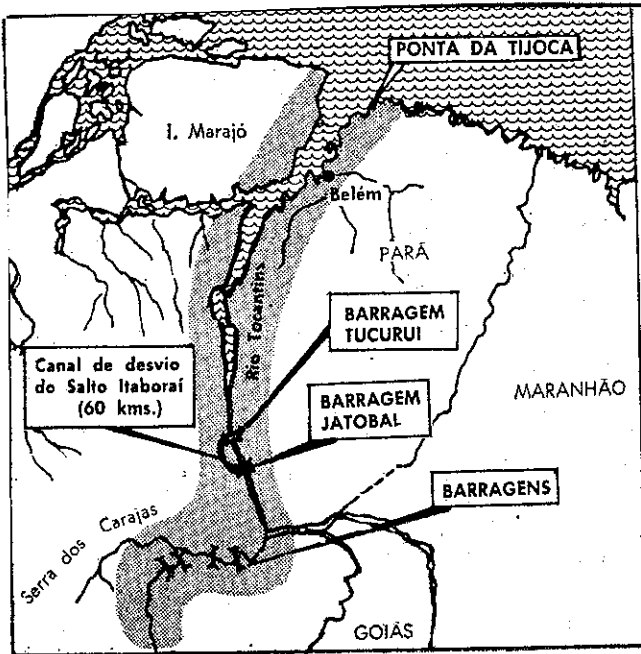
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: *PIP - Terra*

Data: *14. 12. 71*

Pg.: *536*



Parque do Xingu ficará submerso se fôr executado projeto do Lago da Paz

O Parque Nacional do Xingu, uma das raras reservas do mundo onde existe uma experiência positiva de aculturação não violenta do índio, seria uma das áreas encobertas pelo Lago da Paz, caso as autoridades brasileiras aprovassem a sua construção.

Considerados, pelos seus resultados, uma experiência praticamente inédita em todo o mundo, o Parque Nacional do Xingu ocupa uma área de 23 mil quilômetros quadrados, pouco maior do que a do Estado de Sergipe. No Parque vivem cerca de 1 300 índios, mas em seu redor existem dezenas de aldeias.

A preocupação

Embora não acreditem muito na construção do lago, alguns indianistas demonstraram preocupação ante a volta da idéia ao noticiário, pois o projeto prevê a inundação de grande parte do Parque.

As tribos do Xingu repre-

sentam três dos quatro principais troncos linguísticos indígenas: o tupi, o caribe e o aruaque. Além dos índios que vivem em contato frequente com o Parque, na área há dezenas de tribos mais afastadas.

DNPVN desconhece

O Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis desconhece oficialmente o projeto de construção de um lago amazônico.

Atualmente, o DNPVN está concluindo um projeto global para uma hidrovia ligando as jazidas de minério

de ferro da serra dos Carajás (uma das três maiores do mundo) no Sul do Pará, até um porto de grande calado no estuário do Amazonas, na ponta de Tijoca, em frente ao baixio do Espadarte.

O lago

Em entrevista concedida domingo ao JB, o Almirante Luis Penido Burnier defendeu a construção de uma barragem no desfiladeiro da Ilha da Paz, no médio Xingu, para elevar a lâmina de água desde o rio a uma quota de 30 metros, criando um lago com mais de 60 mil quilômetros quadrados e permitindo que as águas deste lago sejam vazadas para o sistema Tocantins-Araguaia, usando um canal formado pelos rios Liberdade, Xavantiño e Tapirapé.

A vantagem do projeto, disse o Almirante, seria permitir a produção de 7 mil MW de energia hidroelétrica e aumentar a navegabilidade do rio Tocantins, ligando o planalto Central à bacia Amazônica por uma hidrovia de mais de 2 mil quilômetros. O projeto facilitaria o escoamento do minério de ferro da serra dos Carajás e o aproveitamento das jazidas de níquel de Niquelandia, e de bauxita de Paragominas e rio Trombetas.

Prioridade

Entretanto, o diretor de Vias Navegáveis do DNPVN, engenheiro Afonso Henrique Portugal, informou ontem que este projeto não consta da lista de prioridades do órgão, que dele não tem mesmo conhecimento oficial.

O DNPVN está concluindo um projeto global de uma hidrovia ligando as jazidas da serra dos Carajás a um

porto no rio Amazonas. Para esse projeto é desnecessária a construção do lago da Paz. A ligação hidroviária entre as jazidas e o porto de exportação seria feita com a superação de obstáculos existentes entre Tucuruí e Marabá, no rio Tocantins; e entre Marabá e a serra dos Carajás nos rios Itacaiúnas e Paraopebas.

Projeto

O projeto do DNPVN prevê a construção de uma hidrovia de mil quilômetros de extensão, ao custo de Cr\$ 1,3 bilhão. O rio Tocantins é navegável de sua foz até Tucuruí, neste ponto seu leito é tomado por corredeiras numa extensão de 150 quilômetros, até Jatobal. Estes obstáculos seriam superados através de duas barragens, complementadas por um sistema de eclusas, uma em Tucuruí, com 30 metros de altura, e outra na Ilha das Poças, com 15 metros de altura. O enorme salto de Jatobal, pouco abaixo de Jatobal, seria evitado por um canal lateral

de 60 quilômetros de extensão.

A hidrovia do Itacaiúnas-Paraopeba, afluentes do Tocantins que passam nas proximidades das jazidas da serra dos Carajás, depende da construção de quatro pequenas barragens e dos respectivos sistemas de eclusas. Segundo cálculos do DNPVN a hidrovia do Tocantins poderia transportar 50 milhões de toneladas de minério de ferro por ano (o plano inicial dos Carajás prevê apenas 20 milhões de toneladas por ano), ao custo de 7 a 9 cruzeiros por tonelada.

Estágio

O projeto global inclui a construção de uma hidroelétrica aproveitando a barragem de Tucuruí, com a potência de 600 a 800 MW.

O projeto já conta com o levantamento das curvas de níveis numa larga faixa das margens dos rios inclui-

dos, estudos hidrológicos e sondagens batimétricas e geotécnicas. Sua apresentação ao Governo está prevista para fevereiro de 1972, quando sua viabilidade será confrontada com a outra alternativa para a retirada do minério dos Carajás: a construção de uma ferrovia até um porto no Maranhão.